REVISÃO DAS DESCRIÇÕES SOBRE OS FORMATIVOS DIMINUTIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bruna Fernanda Ferreira CÂNDIDO
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: Os sufixos diminutivos, de modo geral, não são tratados de forma consensual na literatura, por gramáticos e morfólogos, enquanto elementos derivacionais ou flexionais, além de serem tratados nas gramáticas como meros diminuidores, indicando apenas dimensão pequena. Neste texto, revisitamos a leitura sobre os sufixos diminutivos, abordando questões como produtividade e rentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia, gradação, diminutivos.

1. O TRATAMENTO NAS GRAMÁTICAS

De acordo com a tradição gramatical, no âmbito da formação de palavras, a sufixação é um processo consideravelmente produtivo no português, no tocante à formação de diminutivos. A língua portuguesa dispõe de uma vasta gama de sufixos que expressam o grau diminutivo, tais como: *-acho, -ebre -eco, -ejo, -ela, -elho, -eta, -ete, -icho, -ico, -inho, -isco, -ito, -ota, -ote, -ínculo*, entre outros, comumente mencionados por gramáticos, ao abordarem a expressão do grau diminutivo. Apesar desta grande variedade de sufixos diminutivos, neste trabalho iremos tratar somente daqueles formativos mais empregados pelos falantes do português atualmente, a exemplo de *-ete, -eco e -ito*.

Ao analisarmos o tratamento conferido à categoria de grau, observamos que as gramáticas de Língua Portuguesa, de modo geral, tratam-na como flexão de substantivos e adjetivos. Outro aspecto observado é que, ao abordarem os diminutivos, há uma tendência geral, entre os gramáticos, de propor uma lista exaustiva, com diversos sufixos diminutivos, dos quais muitos já caíram em desuso, como *-acho*, de riacho, *-ebre*, de casebre, mas o foco principal, dessas abordagens, sempre recai sobre o sufixo *-inho*.

O gramático Cunha, em sua obra "Gramática da Língua Portuguesa", do ano de 1979, ressalta a característica flexional da classe dos nomes, afirmando que se flexionam em gênero, número e grau. Dessa forma, o autor enquadra o grau como flexão. Além disso, o autor, em sua obra realizada juntamente a Cintra, do ano de 2001, apresenta o seguinte quadro de sufixos diminutivos.

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a	toquinho, vozinha	**-elho, a**	folhelho, rapazelho
-zinho, -a	cãozinho, ruazinha	**-ejo**	animalejo, lugarejo
-ino, -a,	pequenino, cravina	**-ilho, -a**	pecadilho, tropilha
-im	espadim, fortim		
-acho, -a	fogacho, riacho	**-ete**	artiguete, lembrete
-icho, -a	governicho, barbicha	**-eto, -a**	esboceto, saleta
-ucho, -a	papelucho, casucha	**-ito, -a**	rapazito, casita
		-zito, -a	jardinzito, florzita
-ebre	casebre	**-ote, -a**	velhote, velhota
-eco, -a	livreco, soneca	**-isco, -a**	chuvisco, talisca
-ico, -a	burrico, marica(s)	**-usco, -a**	chamusco, velhusco
-ela	ruela, viela	**-ola**	fazendola, rapazola

Quadro 1: Listagem dos sufixos diminutivos do português – Cunha & Cintra (2001: 91)

É importante ressaltar que esse tipo de abordagem, que se limita a apresentar uma listagem exaustiva de sufixos diminutivos, é extremamente superficial e ineficiente, pois, além de apresentar formativos que não são mais usados, não dá conta do valor semântico que cada um deles expressa. Corroborando esta crítica, temos as considerações de Rio-Torto (1994), expostas nas linhas que seguem:

> A abordagem tradicional da formação de palavras caracteriza-se por dois aspectos essenciais: por ser eminentemente estática e por privilegiar apenas uma das dimensões que a formação de palavras envolve - a dimensão morfológica. (...) Os processos de formação de palavras propriamente ditos são encarados não pelo ângulo do dinamismo que lhe é inerente, mas tão somente pelo seu aspecto resultativo, como esquemas que defluem da combinação de formas mais ou menos autônomas a segmentos presos, que são os afixos. (RIO-TORTO, 1994)

Celso Luft, em sua obra intitulada "Moderna gramática brasileira", do ano de 2002, ao tratar do diminutivo, detalha de um pouco mais o sufixo -(z)*inho*, fazendo uma observação quanto ao valor expressivo do diminutivo, alegando que os formativos –inho e –zinhopodem acarretar um valor pejorativo ou afetivo à base, evocando a ideia de anormalidade, a partir da ideia de pequenez. (LUFT, 2002:144).

As ideias de grandeza e pequenez facilmente podem evocar ("conotar") as de anormalidade, defeito; outras vezes as de simpatia, afeição. Daí que os sufixos aumentativos e diminutivos sejam frequentemente pejorativos, ou então hipocorísticos (de carinho): 'politicão', 'poetaço', 'cabeçorra', 'livrinho', 'livreco', 'rapazelho'; 'Mariazinha', 'Pedrinho', 'filhinha', 'benzinho' etc (LUFT, 2002, p. 144).

Bechara (1999), ao abordar o grau diminutivo, ressalta os valores expressivos das formações sufixais diminutivas, que vão além da diminuição de tamanho, afirmando que

esses usos estão relacionados com a intenção do falante, conforme podemos observar no seguinte trecho:

> De acordo com o caráter intencional do falante, fora da ideia de tamanho, as formas diminutivas podem traduzir nosso desprezo, a nossa crítica, sentido pejorativo e a idéia de pequenez associa-se à de carinho. Ex: *poetastro, politicalha, livreco, padreco, coisinha, issozinho.* Dizemos então que os substantivos estão em sentido pejorativo. A ideia de pequenez se associa facilmente à de carinho que transparece nas formas *paizinho, mãezinha, queridinha.* (BECHARA, 1999:120)

Passando aos manuais escolares, observamos que Cegalla (1981) define o grau como "a propriedade que as palavras têm de exprimir as variações de tamanho dos seres" (CEGALLA, 1981:94) e se limita a afirmar que os sufixos diminutivos expressam somente a ideia de "tamanho menor de X", como se confirma a partir do excerto transcrito a seguir: "o grau diminutivo exprime um ser com seu tamanho normal diminuído" (CEGALLA, 1981:94)

Na gramática escolar "Português e Linguagens", uma das mais adotadas atualmente pelas unidades de ensino fundamental, Cereja & Cochar (2015) tratam da gradação como flexão de substantivos e adjetivos, ressaltando que na expressão sintética do grau diminutivo, os sufixos -inho e zinho são os mais usados pelos falantes em contexto coloquial. Os autores destacam, em um *box,* cujo título é "Oi, gatão!", os demais usos dos afixos do grau, afirmando que os sufixos aumentativos podem apresentar valor pejorativo e depreciativo, enquanto os sufixos diminutivos podem expressar carinho, ternura e, por vezes, desprezo, dependendo do contexto, como podemos ver no excerto exposto abaixo:

> "Há situações em que os sufixos aumentativos emprestam aos substantivos uma ideia de desproporção, de brutalidade, de desprezo, isto é, um valor pejorativo e depreciativo: "Ô, pezão, passa a bola!".

Os sufixos diminutivos podem acrescentar uma ideia de carinho, ternura, prazer, desejo e, também, uma ideia negativa de troça, desprezo, ofensa: "Que menininha intrometida!". O sentido dado aos substantivos por esses sufixos depende sempre do contexto." (CEREJA & COCHAR, 2015:149)

Ressaltamos a importância desse tipo de abordagem, que abarca os usos expressivos dos afixos de grau, mas ainda consideramos que uma nota em destaque em um *box*, limitando-se a mencionar essas possibilidades de uso e citando alguns exemplos, enquadrando a riqueza dos valores expressivos dos formativos diminutivos apenas como pano de fundo do valor dimensivo, ainda não dá conta da complexidade da questão sendo, então, um tratamento que ainda necessita de ajustes.

Em síntese, além do sufixo '-inho' (e sua variante '-zinho'), sem dúvida alguma os mais usados na língua portuguesa para a formação do diminutivo das palavras, há, pelo menos na descrição das gramáticas, vários outros:

- **-acho**(a): rio - riacho // fogo - fogacho
- **-icho**(a): corno – cornicho // barba – barbicha // rabo - rabicho
- **-ucho**(a): gordo - gorducho // papel - papelucho
- **-ebre**: casa - casebre
- **-eco**(a): jornal - jornaleco // sono – soneca

- **-ico**(a): Antonico, burrico
- **-ela**: vila - viela // roda – rodela // rua- ruela
- **-elho**(a): rapaz - rapazelho
- **-ejo**: lugar – lugarejo // quintal – quintalejo // vila - vilarejo
- **-ilha**: carta – cartilha // guerra- guerrilha
- **-ete**: artigo – artiguete // balanço – balancete // braço – bracelete // farol-farolete
- **-eto**(a): sala – saleta // banca – banqueta // poema – poemeto // vara- vareta
- **-ito**(a): Manuel - Manuelito // casa – casita // cabra – cabrito // cão - canito
- **-ote**(a): filho - filhote // serra - serrote // velho – velhote/a // caixa-caixote //
- **-ino**(a): pequeno - pequenino // viola - violino
- **-im**: espada – espadim // câmara – camarim // flauta - flautim
- **-isco**: asteróide - asterisco // chuva - chuvisco
- **-usco**(a): chama – chamusco // velho - velhusco
- **-oca**: engenho – engenhoca // sítio – sitioca
- **-ola**: rapaz - rapazola // fazenda – fazendola // aldeia-aldeola
- **-usto**: árvore- arbusto
- **-ícula**: ave – avícula // gota- gotícula // parte- partícula

Como é possível perceber a partir da extensa lista apresentada acima, muitas dessas formações perderam completamente a ideia de tamanho, tais como: *-oca* (engenho-engenhoca), *-usto* (árvore-arbusto) e *-im* (espada-espadim), mas, apesar disso, ainda são mencionados como sufixos diminutivos pelos compêndios gramaticais.

Além desses sufixos, que alguns autores chamam de irregulares (MONTEIRO, 1987), há, também, sufixos nominais diminutivos eruditos, dentre os quais se destacam os seguintes:

- **-ículo(a):** cubículo, versículo, montículo, gotícula, partícula, película, radícula
- **-ulo, -ula:** glóbulo, grânulo, módulo, nódulo (de nó), nótula (de nota)
- **-olo:** nucléolo
- **-únculo(a):** homúnculo, questiúncula
- **-úsculo(a):** corpúsculo, opúsculo

No caso sufixos diminutivos listados acima, cabe ressaltar que estão relacionados à nomenclatura aplicada em âmbito técnico e científico e, certamente, perderam a semântica dimensiva em proveito da nomeação, assim como ocorreu com os vocábulos detalhados nos próximos parágrafos.

O vocábulo *cálculo* vem de "calculus" que, literalmente, significa "pedrinha". É o diminutivo de calx ("pedra calcária"), a mesma raiz de onde proveio a palavra **cálcio**. Como essas pedrinhas eram usadas para computar os pontos de vários tipos de jogos, o termo **cálculo** adquiriu o sentido atual de "medição, cômputo, avaliação". Uma lembrança viva do significado primitivo pode ser encontrada no vocabulário médico, onde as pedras que se formam no corpo do homem ou dos animais ainda são chamadas de **cálculos**.

A palavra *clavícula*, oriunda de "clavícula" — literalmente, "chavezinha"— é, etimologicamente, o diminutivo de **clavis**, "chave". São aqueles ossos achatados, com o desenho aproximado de um **S**, que ficam na parte frontal do ombro (as populares "saboneteiras"). Os anatomistas primitivos escolheram esse nome porque o formato da nossa clavícula lembra a chave ou o ferrolho usado para trancar as janelas, nas casas romanas. Sem dúvida alguma, temos aí uma motivação metafórica para a especialização

semântica da palavra, tendo em vista a transferência de um domínio para outro (do material para o humano).

A palavra latina "**scrupus"** era um tipo de pedra pontuda, cheia de arestas afiadas. Seu diminutivo, **scrupulum**, era a pedrinha incômoda, que todos nós conhecemos porque que entra em no calçado. A partir de uma metáfora, o termo passou a expressar o freio moral que a consciência nos traz, ao nos fazer agir com cuidado e meticulosidade, obedecendo a princípios morais.

O vocábulo *célula*, originário do latim "cellula", era o diminutivo de cella ("câmara, quarto"). A cela designava, nos mosteiros medievais, o quarto individual dos monges; hoje se refere também à pequena peça onde ficam os prisioneiros ou os internos dos estabelecimentos psiquiátricos. **Célula** ("quartinho") foi adotado pela biologia para batizar as unidades básicas dos tecidos vivos. O termo também é usado, metaforicamente, para qualquer unidade fechada e autônoma, como é o caso das células dos partidos de esquerda ou das células fotoelétricas.

A palavra *vírgula* é o diminutivo de "virga" **("**vara, bastão**")**; tem seu sentido literal de "varinha ("vara, bastão"). Os copistas medievais usavam esse nome para designar uma grande variedade de sinais de pontuação e de acentuação, traçados em diferentes alturas com relação à linha. O termo foi se especializando até chegar ao sentido que tem hoje.

Por fim, o termo *furúnculo* é o diminutivo de "**fur"** ("ladrão"), o mesmo radical que nos deu **furto** e **furtivo.** ***Furunculus*** (literalmente, "ladrãozinho") era o termo usado para designar o botão que nasce nas videiras, dos quais brotam ramos que acabam roubando a seiva necessária para o bom desenvolvimento dos ramos principais. O nome foi atribuído também à conhecida infecção da pele por causa de sua semelhança com aquele botão vegetal, mais uma extensão via metáfora.

2. Questões relacionadas ao ensino do diminutivo em abordagens escolares

Ao tratarmos dos afixos aumentativos, após analisarmos livros didáticos adotados em unidades escolares, faz-se importante abrir uma breve discussão sobre o ensino do grau diminutivo, em um recorte atual. Sendo assim, nesta seção ampliaremos nosso olhar sobre o ensino, tomando como base o capítulo intitulado "Morfologia e ensino: novas abordagens voltadas para o ensino médio", de Vivas *et alii.*, do livro "Novos horizontes da pesquisa em morfologia", de Gonçalves e Silva (2017), e as propostas encontradas nas gramáticas escolares analisadas, bem como em exercícios encontrados na internet, desde o ensino fundamental até o ensino médio.

De acordo com os chamados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, o ensino de Língua Portuguesa na rede escolar, deve contemplar a articulação da língua em si e dos gêneros. Por conta disso, analisaremos a relação entre morfologia, mais especificamente a formação do grau diminutivo, e o texto, seguindo o modelo de análise realizado por Vivas *et alii.*

Ao realizar a análise de livros didáticos adotados por escolas brasileiras, aprovados em programas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), observamos que os problemas apresentados são repetidos, tais como apontam Vivas *et alii.*, a saber: o tradicionalismo, a falta de hierarquia entre critérios de análise linguística, a língua como sistema estático, a falta de problematização e a falta de relação com o texto.

O tradicionalismo consiste em uma abordagem que mantém seu foco no aprendizado mnemônico dos conceitos, na qual os autores apresentam as noções

linguísticas a partir dos exemplos prototípicos, passando a uma listagem de exercícios que não se preocupam em apresentar a língua em uso (VIVAS *et alii.*, 2016). Nesse sentido, é evidente a ênfase dada ao uso do afixo -inho e da clássica lista exaustiva com os sufixos diminutivos, sendo que alguns deles só aparecem em reduzidos exemplos, como o caso de -ebre, em *casebre*, transformando o ensino do grau diminutivo em uma mera 'decoreba'.

A falta de hierarquia de critérios se caracteriza pelo ensino da morfologia, sem levar em consideração os aspectos semânticos e fonológicos tangentes em interação com a morfologia. Ao deixar de lado as referidas interfaces, no caso do ensino do grau diminutivo, há um considerável empobrecimento, haja vista que a riqueza das formações diminutivas consiste exatamente nos seus valores semânticos e pragmáticos, como defendemos no trabalho aqui proposto. Nesse contexto, é importante ressaltar que as gramáticas escolares mais recentes apresentam rasas considerações sobre os valores expressivos do diminutivo, geralmente em um *box*, com um breve comentário sobre o assunto e um ou dois exemplos. Embora façam essa menção, consideramos que ainda não é o suficiente, haja vista que não aprofundam o assunto e, nos exercícios de fixação propostos, esses casos não são trabalhados.

De acordo com Vivas*et alii.* (2016), o tratamento dado à língua como sistema estático consiste na concepção de elementos morfofonológicos como peças removíveis que são simplesmente 'encaixadas', como no caso dos afixos que são tratados como elementos acrescentados à direita ou esquerda dos radicais. Desse modo, os sufixos diminutivos são tratados como meros itens acrescentados ao fim do radical, com a intenção de expressar tamanho menor de X.

A falta de problematização é entendida pelos autores como o "não apelo à produtividade e à criatividade do falante, no que se refere à descrição de formas linguísticas" (VIVAS *et alii.*, 2016). Sendo assim, no tocante ao estudo do diminutivo, o fato de não se considerar casos de lexicalização, como *coxinha* e *salgadinho,* bem como casos de neologismos*, como gatíneo* e *fofíneo,* não confere dados da língua em uso.

Por fim, a falta de relação como texto também é uma questão a se levantar no que toca o ensino da morfologia. As funções textuais acabam sendo esquecidas quando se trata de algum aspecto morfológico. No caso dos diminutivos, por não tratarem da diversidade de significados que as formações diminutivas podem assumir em diferentes enunciados, se perde a oportunidade de abordar um aspecto importante aspecto morfológico relevante em nível textual, justamente por revelar, nos termos de Rosa da Silva & Gonçalves (2018), o impacto que o redator pretende causar no leitor, como se vê no trecho[1]a seguir:

> O autor, Professor de Filosofia na UFRGS, acha que um presidente corrupto no cargo é um **probleminha** sem importância que a PGR e o judiciário deveriam deixar como está. Os investidores se sentiriam muito bem com um governo atolado em corrupção e anarquia institucional. É só fazer a reforma da previdência que seríamos felizes para sempre. Se a filosofia aqui é assim, imagina na Jamaica!

[1] Trecho extraído do *link* https://polibiobraga.blogspot.com/2017/06/denis-lerrer-rosenfield-o-estado-de.html. Acesso em 24/04/2019.

Apesar disso, com base nos diversos estudos sobre o tema, nada impede que o professor guie o aluno a ter esta visão mais ampla e, por conta da lacuna conferida nos manuais escolares, acaba por caber ao docente a missão de apresentar um panorama que fuja ao padrão tradicional e que contemple os diversos e ricos usos do diminutivo.

Ressaltamos que, atualmente, a *internet* passou a ser mais um recurso de ensino. Os alunos, quando buscam exercitar aquilo que aprendem nas escolas, além do âmbito da sala de aula, podem contar com essa ferramenta, encontrando questões de provas antigas, assim como questões elaboradas por outros professores sobre os mais variados assuntos. Pensando nisso, analisamos também os exercícios sobre o grau diminutivo postados em blogs e sites direcionados à educação.

Para nossa surpresa, a primeira proposta de atividade encontrada, voltada ao estudo do diminutivo, para o nono ano do ensino fundamental, abordou seu uso em um texto e explorou os valores expressivos dos mesmos. A atividade é iniciada pela apresentação do texto "Esquilo 'ajudante' vira atração em restaurante de Monte Verde", extraído de um site de notícias. Logo na segunda questão do exercício, pergunta-se o motivo do autor do texto ter empregado alguns termos entre aspas e um desses termos é o vocábulo *mãozinha*.

Na sequência, a terceira questão apresenta um trecho extraído do texto, no qual a palavra *animalzinho* é destacada. Na pergunta de letra "a", é questionado ao que se refere o termo sublinhado. A letra "b" e a letra "c" são questões de múltipla escolha, que questionam, respectivamente, sobre os possíveis usos do termo *animalzinho* dentro do contexto e sobre a forma sintética ou analítica que o vocábulo é formado.

A referida atividade, embora não apresente uma abordagem mais robusta e explorativa acerca dos diminutivos, haja vista que são poucas questões (somente 2 das 5 apresentadas), conduz o aluno a refletir sobre o uso do diminutivo além da mera redução dimensiva, como encontramos nos livros didáticos.

Uma segunda proposta encontrada em um *site* de banco de dados de questões sobre o diminutivo, embora não apresente uma contextualização a partir de um texto, com meros exercícios em série, propõe uma questão na qual o aluno deve usar -inho ou -inha para passar as palavras ao grau diminutivo, desconsiderando os demais sufixos possíveis, e uma última questão que trata do diminutivo como expressão de 'carinho', cujo enunciado era: "Também usamos o diminutivo para demonstrar carinho. Em relação às palavras abaixo, como ficariam?". O que nos chamou atenção nesta última proposta de atividade é a especificação da sua finalidade, em um *box* cujo o título é "O que fazer antes?" e outro cujo título é "O que fazer depois?", com orientações ao professor acerca da atividade e seus objetivos, conforme exposto abaixo, respectivamente.

Figura 1 – Box "O que fazer antes?"

Reforce o trabalho com os alunos, explorando diferentes situações nas quais os alunos poderão perceber em que grau os substantivos se encontram, estabelecendo comparações entre os tamanhos normais, pequenos e grandes, bem como os efeitos de sentido criados, como expressões de carinho ou de crítica.

Figura 2– *Box* "O que fazer depois?" Fonte: acessesaber.com.br

> A finalidade é que a criança amplie o seu repertório de palavras. A ideia é sistematizar um trabalho que provavelmente já foi iniciado em turmas anteriores. Em relação ao diminutivo, se refere ao grau que diminui ou atenua as proporções normais do substantivo: gato pequeno, saleta. O grau diminutivo se indica por um adjetivo apropriado (pequeno pé, anel minúsculo), ou por meio de sufixos especiais (inho, zinho, zito, ote, ulo etc.). Proponha situações nas quais os alunos também possam perceber o efeito de sentido do uso do diminutivo em expressões de carinho, em usos como "paizinho", "Aninha", "Ricardinho", etc.). Oportunize o uso de letras móveis, cartelas ou jogos que possibilitem as mais diversas atividades de cópia, de leitura e de análise da escrita.

Em ambos os *boxes*, é reforçada a ideia de se explorar os conhecimentos prévios dos alunos, quanto ao recurso de redução física, por meio de formações analíticas e sintéticas e dos valores expressivos de afetividade apresentados pelo diminutivo. Dessa forma, embora as questões propostas sejam mais simples, orienta-se o professor que se explore esses aspectos em sala de aula.

No entanto, as demais propostas de atividade encontradas mantiveram a simplicidade das questões mais canônicas, tais como: contrapor o aumentativo ao diminutivo, instruir o aluno a 'passar' as palavras para o diminutivo e identificar os vocábulos que são apresentadas no grau diminutivo, tratando-se de uma abordagem mais rasa, sem explorar os valores expressivos do diminutivo e sem apresentar uma relação com o texto e, sendo assim, sem levar o aluno à reflexão sobre o grau diminutivo.

No processo de busca e análise do tratamento dado ao diminutivo em manuais escolares, encontramos um material preparatório para a Prova Brasil[2], divulgado e utilizado pela Prefeitura do Rio, que aborda o uso afetivo do diminutivo, a partir da canção "Minha namorada", de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra, na qual aparecem vocábulos como "coisinha", "jeitinho", "cartinhazinha", visando explorar os conhecimentos linguísticos do aluno quanto ao uso expressivo do diminutivo, em contexto textual, incluindo o uso concomitante de -inha e -zinha na mesma palavra.

Figura 3- Proposta preparatória para a Prova Brasil

[2] A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), que têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Os testes são aplicados aos alunos da quarta e da oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas. Informação extraída do *link*: http://portal.mec.gov.br/prova-brasil. Acesso em 11/05/19.

Minha Namorada
Vinicius de Moraes / Carlos Lyra

Meu poeta eu hoje estou contente
Todo mundo de repente ficou lindo
Ficou lindo de morrer
Eu hoje estou me rindo
Nem eu mesmo sei de que
Porque eu recebi
Uma cartinhazinha de você
Se você quer ser minha namorada
Ai que linda namorada
Você poderia ser
Se quiser ser somente minha
Exatamente essa coisinha
Essa coisa toda minha
Que ninguém mais pode ter

Você tem que me fazer
Um juramento
De só ter um pensamento
Ser só minha até morrer
E também de não perder esse jeitinho
De falar devagarinho
Essas histórias de você
E de repente me fazer muito carinho
E chorar bem de mansinho
Sem ninguém saber porquê."
[...
http://www.vagalume.com.br/vinicius-de-moraes/minha-namorada.html

1.Observe o uso do diminutivo no texto..."Coisinha", "jeitinho"... "cartinhazinha"! Que efeito isso causa no texto?
_____
_____
_____

Vamos aproveitar e ler mais uma letra de canção da MPB. Observe que no texto há uma palavra que marca a linguagem informal, remetendo à língua oral...Qual é essa palavra?_____ .

Passando a um nível mais alto, encontramos em um *site* simulados *online*, até mesmo, uma questão de uma prova antiga de concurso da Prefeitura de Vila Velha-ES, do ano de 2014, para a vaga de Analista Público de Gestão.A questão aborda, sem nenhum tipo de contextualização, a partir de um texto e sem considerar o uso da língua, vocábulos que são formados a partir da sufixação com formas mais opacas, como pode ser observado, na íntegra, na figura exposta abaixo.

Figura 4: Questão sobre grau em concurso público

Ano: 2014 **Banca:** FUNCEFET **Órgão:** Prefeitura de Vila Velha - ES **Prova:** FUNCEFET - 2014 - Prefeitura de Vila Velha - ES - Analista Público de Gestão

Os substantivos "lajedo, vozeiro, caixote, nódulo" estão, respectivamente, nos graus:

A) aumentativo, aumentativo, diminutivo, diminutivo
B) aumentativo, aumentativo, aumentativo, diminutivo
C) diminutivo, diminutivo, aumentativo, aumentativo
D) aumentativo, diminutivo, diminutivo, aumentativo
E) diminutivo, aumentativo, diminutivo, diminutivo

3. Descrição dos morfólogos

Na descrição realizada pelas gramáticas, em geral, não há uma definição clara quanto ao caráter flexional ou derivacional do grau. Por outro lado, nos manuais de morfologia, a gradação recebe um tratamento especial e, além disso, os morfólogos ressaltam a vasta gama de valores expressivos que os afixos de grau acarretam à base, no processo de sufixação.

Dos manuais analisados para o enriquecimento da presente pesquisa, destacamos a crítica aos manuais escolares, realizada em Gonçalves (2005), que afirma: "os livros didáticos, salvo poucas exceções, ainda arriscam no nivelamento das categorias gênero, número e grau, considerando-as equivalentes em termos de status morfológico". (GONÇALVES, 2005:1)

Em Basílio (2004), é destacada a diferenciação entre a função denotativa, de mera redução de tamanho, como visto em 'cafezinho', 'tesourinha' e 'colherinha', e a função expressiva do diminutivo, que vai além da ideia dimensiva, como ocorre em 'livrinho' (que não necessariamente é um livro pequeno), 'moedinha' (que não necessariamente é uma moeda e dimensão menor do que a considerada normal).

De acordo com a morfóloga, a função expressiva apresentada pelo grau diminutivo fica mais evidente, em exemplos contextualizados, como a frase exposta a seguir, na qual sobressai a expressividade: "Será que você pode me dar uma *mãozinha* aqui?". Basílio afirma que os sufixos diminutivos podem ter função de caráter discursivo, valendo tanto para atenuar, como na frase: "Pode me dar um *momentinho* só?", quanto para expressar afetividade, exemplificado com: Eu fiz um *franguinho* especial para você?" (BASÍLIO, 2004: 70).

4. Pesquisas sobre os diminutivos

Haja vista sua grande complexidade, a expressão de grau diminutivo já foi tema de diversos estudos, contando com um acervo considerável de análises, tais como Skorge (1957), Barbosa (2012), Candido (2013), Ezarani (1989), Loures (2000) e Turunen (2009).

Começando pelo trabalho pioneiro de Skorge, com o objetivo de traçar um panorama geral da vitalidade e da produtividade dos sufixos diminutivos da linguagem corrente de Portugal, a autora faz um levantamento minuscioso dos mesmos, elencando os sufixos diminutivos, levando em conta a expressão do afeto e da depreciação.

Iniciando sua obra pelo ponto de vista formal, a autora trata, também das diferenças regionais, da questão do "infixo" (sic!) -z- (-*zinho* e -*zito*), dos problemas formais, tais como a mudança de gênero e a derivação, terminando sua análise com os sufixos diminutivos produtivos a par de -*inho* e -*ito*.

Skorge, assim como os demais estudos, aponta -inho como o sufixo diminutivo mais usado e produtivo do português e trata o -*ino* (tamanino) como derivação do latim -*inus*, que se mantém como variação de -inho nas palavras portuguesas e considera o -*im*(coxim) como empréstimo do francês e do italiano.

A autora aponta o -*ito* como o segundo sufixo diminutivo mais usado no português de Portugal (fato que diverge da nossa análise do PB), cuja origem é obscura, podendo vir do latim vulgas -*ittus*, da pronúncia infantil de -*iclus* e, por fim, considera os sufixos -*ato*, -*eto*, -*eta*, -*ete* (de vogal inicial fechada), -*oto*, -*ota* e -*ote* como variação vocálica de -ito, levando, também, em consideração a proveniência italiana de -*eto* (poemeto) e francesa de -ete (filete). Sobre este último, Skorge ressalta que, no Português Europeu, deixou de se prender somente a palavras de origem francesa, passando a se adjungir, facilmente, a palavras genuinamente portuguesas ('malandrete'). Além disso, a autora revela que -ote, também de origem francesa, apresenta várias funções no português. Por outro lado, os sufixos -*ato* e -*oto* são raros e não produtivos, aparecendo em alguns substantivos, com sentido especializado, como de cria de animais 'lobato', 'lebroto'.

Continuando a sua análise, Skorge destaca que, no Português Europeu, os sufixos *-ico*, proveniente do latim *-iccum*, e *-uco* são regionais e nem tão produtivos. Já entre os sufixos *-aco*, *-eco* e *-oco*, oriundos do latim -accus, -iccus, -occus, o -eco é o mais produtivo e -aco e -oco apresentam uso especializado, de caráter pejorativo.

Os formativos *-alho*, *-elho*, *-ilho*, *-olho* e –ulho, derivados dos sufixos latinos -ac(u)lum, -ic(u)lum, -uc(u)lum têm produtividade reduzida, no entanto, mantém a função diminutiva, enquanto *-ejo* (*-elho*) é importado do espanhol e se tornou um sufixo português, em casos isolados, como 'hortejo'.

Assim como no PB, o sufixo *-elo*(a), do latim *-ellum*, *-ella*, apresenta sentido diminutivo sensível, como percebemos em 'ruela' e 'viela'. Por outro lado, *-olo*(a), de uma evolução irregular de *-olum* (latim) e de origem francesa e italiana (bandeirola, camisola), assim como o *-ete*, teve seu uso alargado no português de Portugal, adjungindo-se a vocábulos portugueses e apresentando, atualmente, caráter irônico e depreciativo.

No caso dos sufixos *-acho*, *-echo*, *-icho*, *-ocho* e *-ucho*, provenientes do latim ascu+ulu, iscu+ulu e -uscu+ulu, a autora salienta que -acho e *-echo* são raramente usados, sendo -echo aplicado somente na formação 'ventrecha' (a posta do peixe, que se localiza mais próximo à cabeça), enquanto *-icho* e *-ucho* são característicos do norte de Portugal.

O sufixo *-isco* é o único de origem grega (-iskos) apresentado por Skorge, que, no português, aparece em formações diminutivas como 'chuvisco'. Já sobre o grupo de *-iço*, *-aço*, *-uço*, derivados dos sufixos latinos *-iciu*, *-aciu* e *-uciu*, a autora destaca que -aço serve ao aumentativo, assim como o -uço se apresentou em nossa análise como aumentador, em casos como 'dentuço', assim como -iço é um intensificador, com bases adjetivas, como em 'magriço', mantendo ainda seu *status* de diminutivo.

Por fim, Skorge aponta que alguns sufixos foram importados diretamente do latim, se mantendo na língua literária e culta, tais como: *-ulo* ('lóbulo', 'nódulo', 'súmula'); *-elo* ('miselo'), *-áculo* ('umbráculo'), *-ículo* ('versículo', 'fontícula'); *-úsculo* ('ramúsculo') e *-únculo* ('questiúnculas'). Estes sufixos foram apontados e mais amplamente discutidos no presente trabalho, na seção 2, na qual ressaltamos a cristalização destas formas.

Na dissertação de mestrado, intitulada "Formações X-*ete* no Português Brasileiro: uma análise construcional", do ano de 2013, Candido apresenta um trabalho, cujo objetivo é analisar as formações X-*ete* (vogal inicial aberta), no PB, à luz da Morfologia Construcional de Booij e da Linguística Cognitiva, visando observar se os aspectos dos dois modelos se aplicam ao sufixo *-ete* e se as formações como 'Neymarzete' (fãs) e 'Chacrete' (dançarinas/assistentes de palco) seriam um caso de polissemia ou de homonímia.

O sufixo *-ete* (vogal inicial aberta), no PB ('cartazete', 'sofanete', 'colchonete', 'disquete') é oriundo da forma francesa, cuja origem é do latim popular (*-ittum,-ittam*). No francês, a autora aponta que *-ette* tem valor diminutivo, em formações como *fleurette* (florzinha), *pauvrette* (pobrezinha), *jeunette* (jovenzinha).

Candido trata da distinção entre *-ete* (vogal inicial aberta) e *-ete* (vogal inicial fechada), afirmando que não são o mesmo sufixo, apesar de apresentarem formas gráficas idênticas, haja vista que apresentam significados, pronúncia e origens distintas. Ambos os afixos são oriundos do francês, sendo *-ete* (vogal inicial aberta) proveniente do feminino *-ette* e *-ete* (vogal inicial fechada) proveniente da forma masculina *-et* (*livret* 'livrinho', *clochet* 'sininho'), mantendo o gênero masculino no PB (palacete, soquete).

A autora propõe uma divisão em grupos, de acordo com as afinidades semânticas das formações, com base no processo de categorização, definido por Ferrari (2001), como

"processo através do qual agrupamos entidades semelhantes, em classes específicas" (FERRARI, 2001:31). Os quatro grupos delimitados no trabalho são: (1) "Tipo pequeno de X" (caminhonete e camisete), (2) "Depreciação feminina" (subgrupo a: 'vedete', 'chacrete', 'bolete'; subgrupo b: 'periguete', 'piranhete', 'empreguete'; subgrupo c: 'luanzete', 'malafaiete', 'kakazete'), (3) "Práticas sexuais orais" ('boquete', 'linguete' e 'cunete') e (4) "Empréstimos antigos" (do francês: 'baguete', 'tablete', 'charrete'; do inglês: 'basquete' e 'chiclete'; do italiano: 'espaguete' e 'confete'). Desses grupos, o primeiro deles, por ser formado por dados que podem ser definidos como "tipo pequeno de X", reforçam a qualidade deste sufixo como diminuidor, com formações tais como as listadas abaixo.

No entanto, o grupo 2, "Depreciação feminina", também merece destaque, haja vista que tratam do valor expressivo de pejoratividade, sobretudo nos dados do subgrupo b, que ressaltam além da misoginia, o desapreço que o sufixo agrega a bases, muitas vezes neutras, como rebolar ('rebolete'), pegar ('peguete') e *funk* ('funkete').

Em sua dissertação de mestrado, cujo título é "Formações X-inho na fala carioca", do ano de 1989, Ezarani considera a existência de uma escalaridade para tratar o grau, no qual as formações sufixais de grau são distribuídas de acordo com seu valor semântico em um *continuum,* indo do maior ao menor valor intensivo ou dimensivo, considerando o significado positivo ou negativo da base às quais os sufixos diminutivos se adjungem, como podemos observar no quadro abaixo.

Figura 4 – "O *continuum* dos afixos de grau" - Fonte: Ezarani (1989)

-	DIMINUTIVO		NORMAL	AUMENTATIVO	+
livreco	livreto	livrinho	livro	livrão	
	caixeta	caixinha	caixa	caixona	caixa
	casebre	casinha	casa	casão	casarão

Em sua proposta, Ezarani ressalta que, apesar de muitos estudiosos focarem na questão do valor semântico originário dos diminutivos, visam a rotular um valor primário, oscilando entre o valor afetivo e o dimensivo. Dito de outra maneira, busca-se saber se é do valor afetivo que surge o valor dimensivo ou se do dimensivo que se origina o afetivo. No entanto, em nossa análise, percebemos que o valor dimensivo se mantém, até os atudos atuais, como o principal.

Ezarani destaca que o sufixo *-inho* apresenta uma flexibilidade considerável, ao operar junto a bases de variadas classes gramaticais, tais como: substantivos ('mesinha'), adjetivo ('bonitinho'), numeral ('duazinhas'), pronome ('elazinha'), advérbio ('cedinho'), verbo ('dormindinho') e, até mesmo, em artigos, preposições, conjunções, interjeições e siglas, quando substantivados. Quanto ao caso da distinção entre as formas *-inho* e *-zinho*, a diferença reside somente no plano fonético/fonológico e não no plano semântico-pragmático, o que também contestamos nesta Tese.

Na dissertação de mestrado "A alternância do diminutivo –inho/-zinho no português brasileiro: uma abordagem pela fonologia de uso", do ano de 2012, Barbosa apresenta uma abordagem de cunho fonológico, visando investigar a alternância do diminutivo –inho / -zinho, fazendo uma delimitação dos contextos de aplicação de ambas

as formas e das motivações que possibilitam a ocorrência simultânea destes sufixos no PB, focando principalmente na constatação de ser somente um único sufixo diminutivo ou são dois processos distintos que dão origem às formações X-inho e X-zinho.

A análise da autora constata que o sufixo – inho é o mais frequente e o mais produtivo no PB, em detriment de –zinho, e a ocorrência mútua dos dois sufixos é uma possibilidade da língua, verificada por um teste de aceitabilidade aplicado a falantes do PB, confirmando a existência de duas formas na língua. Além disso, Barbosa (2012) afirma que o uso de –zinho é categórico em bases oxítonas e o seu ambiente favorável é em vocábulos que terminam em consoante ou ditongo, enquanto a forma–inho apresenta uma tendência de selecionar palavras paroxítonas e o ambiente favorável ao uso da mesma é formado por palavras terminadas em vogal.

Em sua pesquisa, notou-se que, quanto ao fator escolaridade, os informantes que utilizam o diminutivo *-inho* nem sempre usam a forma -zinho na mesma proporção, vindo a confirmar que o morfema *-inho* é o tipo mais recorrente e produtivo na língua. As variáveis sexo e orientação sexual, do teste, revelaram uma possível influência na distribuição da(s) forma(s) diminutiva(s) *-inho/-zinho*, sendo *-zinho* a variante mais facilmente aplicada entre as mulheres que se declararam bissexuais, enquanto a maior incidência do diminutivo –inho ocorreu entre os homens que se consideraram homossexuais. Embora a autora não explicite a questão, esses dados apontam para a chamada função indexical da morfologia (GONÇALVES, 2003), já que sinalizariam grupos específicos de falantes, apesar de não concordarmos inteiramente com a afirmação a que chega.

O trabalho concluiu que há evidências para se afirmar que existem duas formas diminutivas, -inho e -zinho, distintas no PB, haja vista que existe a alternância de escolha do sufixo diminutivo a ser usado conforme a situação de uso.

Na Tese de Doutorado intitulada "Análise dos recursos morfológicos com função expressiva em português e francês", Loures faz uma análise contrastiva dos recursos morfológicos quanto a seus valores expressivos em francês e no PB, afirmando que a língua portuguesa e a língua francesa apresentam inúmeros processos derivacionais com função expressiva indicando a atitude subjetiva do falante (seus julgamentos de valor ou suas emoções) em relação ao enunciado; os sufixos não têm valor semântico equivalente nas duas línguas, como é percebido no caso dos sufixos –on e –ão, sendo o primeiro diminutivo em francês e o segundo, um formador de aumentativos em português. A autora ainda ressalta o emprego dos referidos sufixos como recursos expressivos na linguagem familiar refletindo carinho e afetividade.

Entre os elementos morfológicos analisados, Loures discorre sobre o formativo que é o foco do presente trabalho. O sufixo *-et(te)* é apontado pela autora como o formador de diminutivo mais produtivo em francês, destacando que o conceito de "pequeno" pode não estar relacionado à dimensão física, mas ao significado de jovem, filhote, superficial/ sem valor, na formação de hipocorísticos com nomes próprios, na linguagem familiar ou em expressões afetivas ('ma bichette'> "minha pequerruchinha"), ou com bases adjetivas denotando "um pouco X" ('doucet' > "um pouco doce/ adocicado") e, a depender do contexto, expressa depreciação.

Pode ainda ser aplicado metaforicamente levando à modificação do significado da base, por conta de semelhança ou origem, e apresenta, também, formações que já foram cristalizadas/ lexicalizadas. O referido sufixo pode, além disso, associar-se ao –on transformando o significado do mesmo e gerando uma formação diminutiva ('cloche' > 'clocheton' "sininho"). As formações X-et(te), sendo X uma base verbal, geram polêmicas, pois nem sempre apresentam valor diminutivo, possibilitando a postulação de Regras de

Formação de Palavras (RFPs) diferentes para o mesmo sufixo (LOURES, 2000), já que assume proposta de inspiração exclusivamente gerativista.

A tese de Doutorado "A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil", de Turunen (2009), questiona a centralidade da noção semântica de tamanho pequeno na descrição do diminutivo formado pelo sufixo -inho no PB, com o objetivo de esclarecer pontos polêmicos na descrição do diminutivo -inho, trazendo como aspecto principal, a questão do seu potencial de significação e a relevância dos aspectos semânticos e pragmáticos na sua descrição, fundamentando-se nos postulados da Lingüística Cognitiva.

Turunen inicia sua análise, ressaltando os problemas das abordagens gramaticais no tocante ao diminutivo, ressaltando, nos termos de Delhay (1996), que a descrição quantitativa, como "pequeno X", dos sufixos diminutivos se deve aos gramáticos latinos. Sua proposta visa a ir além, analisando a função discursive expressa por -inho, questionando e discutindo, inclusive, a questão das operações morfológicas de flexão e derivação, no caso dos diminutivos.

A partir da análise de seus dados, a autora discorda da prototipicalidade da noção "pequeno X", como significado mais representativo do processo, afirmando que essa noção só é prototípica no senso comum, do imaginário coletivo, por conta da repetição de conceitos das propostas anteriores. Sendo assim, uma revisão dos fatos, com os resultados encontrados por Turunen, indicam que o sufixo -inho manifesta, sobretudo, significados e funções que vão muito além da noção dimensiva.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *O sufixo –ete no Português Brasileiro Contemporâneo*. In: Acta Semiótica e Linguística, v.15, p.201-215, São Paulo, 2010.

BARBOSA, M.F.M. *A Alternância Do Diminutivo –Inho/-Zinho No Português Brasileiro: Uma Abordagem Pela Fonologia De Uso*. Dissertação (Mestrado).

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CANDIDO, Bruna Fernanda Ferreira. *Formações X-ete no Português do Brasil: uma análise Construcional*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/FL/Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, 2013.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

CEREJA, W. R. & COCHAR, T. *Português: Linguagens*. 9ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2015

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FANAME, 1979.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

EZARANI, E.S. *Formações X-inho na fala carioca*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *O dicionário da Língua Portuguesa* (eletrônico). Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

GONÇALVES, C. A. V. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: Ed. Faculdade de Letras da UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. *Morfologia Construcional: Principais ideias, aplicação ao Português e extensões necessárias.* 2013

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KEHDI, V.*Formação de palavras em português* (Série Princípios). São Paulo: Ática, 1992. v. 215.

LOURES, L. H. R. S. *Análise dos recursos morfológicos com função expressiva em português e francês.* Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2000. Tese de Doutorado em Linguística.

LUFT, C. P..*Moderna Gramática Brasileira.* Porto Alegre: Ed. Globo, 1979.

RIO-TORTO, G. M. *Processos e paradigmas de formação de palavras em português.* In: Actas do "Congresso Internacional sobre Português". Universidade de Lisboa, 1994..

SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*: Edições Melhoramentos, 1931.

SANTANA, M.S. *O sufixo diminutivo em português: forma, funcionamento e significação*: do século XIII ao XX. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017. Acesso em: 22 nov. 2018.

SOARES DA SILVA, A. *O Mundo dos sentidos em Português- Polissemia, semântica e cognição.* Coimbra: Almedina. (2006)

TURUNEN, V. J. *A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formções diminutivas do Português Brasileiro.* Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009. Tese de Doutorado em Letras.